

AMÉRICA LATINA COMO LÓCUS DE TEORIZAÇÃO EM GESTÃO (NA "TEORIA")

LATIN AMERICA AS A LOCUS OF THEORIZATION IN MANAGEMENT (IN "THEORY")

DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1547-1553> Recebido em: 04.10.2022 | Aceito em: 03.01.2023

**Ednael Macedo Felix^a, Sérgio Mendes de Oliveira Filho^a,
José Milton de Sousa Filho^a, Antoniel dos Santos Gomes Filho^{b,c}**

**Universidade de Fortaleza^a
Universidade Regional do Cariri^b
Centro Universitário Vale do Salgado^c
E-mail: antoni.el.historiacomparada@gmail.com**

RESUMO

Nos inquieta o fato da academia latino-americana consubstanciar seus dados e publicações em administração por um arcabouço teórico importado, apequenando o campo das referências bibliográficas, minimizando a potência de explicação e enclausurando pesquisadores e projetos de pesquisa em um domo de reprodução. Para nós está à problemática do campo dessa ciência, uma espécie de fórmula de mediocridade acadêmica, onde a soma do estrangeirismo e do anacronismo teórico é balanceada pela reprodução da lógica produtivista. Dito isso, partimos de uma perspectiva onde a heterogeneidade cultural da América Latina e sua similaridade interna nos aspectos econômicos e sociais, intui que as múltiplas perspectivas endógenas de teorias de gestão são pouco eficientes para explicação da realidade latino-americana. Entendemos que essa posição crítica, e esse olhar heterodoxo sobre a produção acadêmica do Sul global, é uma exigência sistêmica, e é preciso que se ofereça uma perspectiva oposta a mera reprodução, é preciso desfazer o domo. Para isso estruturamos uma discussão lógica por meio dessa pensata, dividindo-a em duas seções, uma sobre as Potencialidades e barreiras latino-americanas para a teorização organizacional e de negócios; e outra sobre os fatores que julgamos contribuir para a ausência de pesquisas e teorias latinas em gestão nos "mainstream journals".

Palavras-chave: Administração; Academia; América Latina; Produtivista; Reprodução.

ABSTRACT

We are concerned about the fact that Latin American academia substantiates its data and publications in administration by an imported theoretical framework, narrowing the field of bibliographical references, minimizing the power of explanation and enclosing researchers and research projects in a dome of reproduction. For us, this is the problem of the field of this science, a kind of formula of academic mediocrity, where the sum of foreignism and theoretical anachronism is balanced by the reproduction of the productivist logic. That said, we start from a perspective where the cultural heterogeneity of Latin America and its internal similarity in economic and social aspects, intuit that the multiple endogenous perspectives of management theories are not very efficient for explaining the Latin American reality. We understand that this critical position, and this heterodox look at the academic production from the global South, is a systemic demand, and it is necessary to offer a perspective that is opposed to mere reproduction; it is necessary to undo the dome. To this end, we structure a logical discussion through this pensée, dividing it into two sections, one on Latin American potentials and barriers to organizational and business theorizing; and another on the factors we believe contribute to the absence of Latin American management research and theory in the "mainstream journals".

Keywords: Management, Academia, Latin America, Productivist, Reproduction.

INTRODUÇÃO

Esse é nosso lugar, nossa região, nosso território, mas sentimos que o olho pelo qual enxergamos nosso mundo, não é nosso. Além do sentimento, os dados e publicações que a academia latino-americana em administração tem feito uso, consubstanciados por um arcabouço teórico importado, apequenam o campo das referências bibliográficas, minimizam a potência de explicação e enclausuram pesquisadores e projetos de pesquisa no domo da reprodução. Associa-se a isso a pressão gerada pela lógica produtivista da academia que impacta de maneira direta os principais atores envolvidos no processo de produção de conhecimento (Mourad, 2021).

É aí que está à problemática do campo, uma espécie de fórmula da mediocridade acadêmica, onde a soma do estrangeirismo e do anacronismo teórico é balanceada pela reprodução da lógica produtivista. Mesmo com contribuições como as de Alcadipani e Bresler (1999) sobre a chamada “McDonaldização do Ensino” com discussões há mais de duas décadas, são ainda simplistas as reflexões críticas e heterodoxas da academia em Administração quanto a essa questão (Alcadipani, 2011; Mourad, 2021) razão pela qual essa limitação continua ainda na terceira década do século 21.

Dito isso, partimos da perspectiva de que a heterogeneidade cultural da América Latina e ao mesmo tempo sua similaridade interna quanto aos aspectos econômicos e sociais, parece intuir que as múltiplas perspectivas endógenas de teorias de gestão são pouco eficientes na explicação da realidade latino-americana. No entanto, a moldura teórica eurocêntrica e norte-americana continua sendo a métrica essencial para os estudos organizacionais, de estratégia e inovação, de marketing e de todas as demais áreas da administração usadas por aqui. E é isso que nos leva a objetivamente discutir sobre as potencialidades e barreiras latino-americanas para a teorização organizacional e de negócios; e sobre os fatores que contribuem para a ausência de pesquisas e teorias latinas em gestão nos “*mainstream journals*”, questionando se isso é falta de espaço ou dificuldade de posicionamento das pesquisas.

Entendemos que essa posição crítica, e esse olhar heterodoxo sobre a produção acadêmica do Sul global, é uma exigência sistêmica, e é preciso que se ofereça uma perspectiva oposta a mera reprodução, é preciso desfazer o domo. Mas isso requer pensar as barreiras que dificultam ir além do muro de coisas importadas, demanda perceber algumas potencialidades que sirvam de combustível a

academia, compreendendo os fatores da ausência de pesquisas originais. Pesquisas e revisões como às de Nicholls-Nixon et al. (2011), a terceira margem do rio proposta por Rosa & Alcadipani (2013), críticas como às de Mourad (2021), e discussões como as de Aguinis et al. (2020), endossam a propositura do que escrevemos aqui.

Para que uma discussão estruturada e lógica, dividimos a pensata em duas seções, iniciando primeiro pelas Potencialidades e barreiras latino-americanas para a teorização organizacional e de negócios; e no segundo momento tratamos dos fatores que contribuem para a ausência de pesquisas e teorias latinas em gestão nos “*mainstream journals*”, questionando se essa seria uma consequência da falta de espaço ou dificuldade de posicionamento das pesquisas; e por fim, apresentamos as considerações e reflexões.

POTENCIALIDADES E BARREIRAS LATINO-AMERICANAS PARA A TEORIZAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE NEGÓCIOS

O estrangeirismo ascendente e a perceptível sublimação dos aspectos sociais regionais, substitutos de primeira linha ao dito “velho”, “extemporâneo” e “anacrônico” conjunto de conhecimentos autóctones latino-americanos, tem cada vez mais suplantado as potencialidades endêmicas que a porção sul das Américas oferece enquanto prisma de análise empírica e referência para o desenvolvimento de teorizações sobre o ambiente organizacional e de negócios. Essa constatação pouco agrega, e até mesmo a crítica a essa situação é também anacrônica, pois Wahrlich (1979) ainda na década de 1970, já afirmava que as ciências administrativas da América Latina eram fruto teórico essencialmente exógeno, e que a própria tecnologia administrativa regional era também de origem basicamente externa.

Essa condição de não produção de ciência e tecnologia e de consumo secundário de conhecimento estrangeiro parece ter perpassado o tempo, e permanecido como modus operandi da academia Latino-Americana. Há que se ponderar que essa condição exerce considerável força de compressão sobre as mentes locais, provocando uma postura de aviltamento das peculiaridades locais enquanto recursos de explicação e teorização. Todavia a realidade econômica, social e ambiental, bem como a vasta e rica cultura das chamadas economias emergentes e as adaptações das teorias estrangeiras feitas por essas nações, colocam economias como as da América Latina no posto de laboratório para teorização e escrita de

conhecimento novo. É preciso lembrar que mesmo tentando explicar realidades locais ao sul das Américas, suas nuances e especificidades, como por exemplo, os textos de Felix e Marquesan (2021) quanto ao campo social da produção de sementes no Brasil, bem como a discussão em torno de políticas públicas e perspectivas de desenvolvimento econômico nessa região nos trabalhos de Felix e Marquesan (2020) e Felix, Araújo, Pompeu e Filho (2022) o fazem embebidos por teorias além-terras tupiniquins. Mas como lembra Nicholls-Nixon et al. (2011), diante da eminência de algumas dessas economias se tornarem as maiores do mundo nas próximas três décadas, os acadêmicos de administração têm expandido suas pesquisas para além dos desenvolvidos mercados norte-americano e europeu, e incluído economias emergentes, e isso é de fato necessário.

No caso específico do Brasil, que mesmo tendo saído da lista das 10 maiores economias do mundo ainda figura como a 12ª maior economia (Santos & Sant'anna, 2021), é possível que as condicionantes econômicas e flutuações dessas economias sejam algumas de suas potencialidades mais notórias. Essa realidade confirma a proposição de Rosa e Alcadipani (2013) para os quais o processo de redemocratização política e de mudança econômica no Brasil, levou pesquisadores a voltarem seus interesses de pesquisa para temas como a trajetória histórica da América Latina e contraposição à teoria da modernização, desvinculando-se do colonialismo e de sua herança.

Nesse sentido, é preciso lembrar que pesquisas em história, economia, relações internacionais e gestão indicam a existência de características contextuais endêmicas que moldaram o desenvolvimento latino-americano (Coatsworth, 2008; Harrison, 1985, 1992, 1997; Ratliff, 2006; Nicholls-Nixon et al. 2011), e que Bruton, Ahlstrom, & Puky (2009) afirmam que entender contextos como este é contributivo pois eles exercem influência sobre as “regras do jogo” e a maneira como os negócios funcionam.

Nicholls-Nixon et al. (2011) sinalizam múltiplas potencialidades de pesquisa e teorização em administração na América Latina. Eles constatam que os países dessa região têm sido associados a estilos de gestão paternalista, com elevado enraizamento nas tradições de dependência do desenvolvimento colonial e pós-colonial, autoritarismo e elitismo corporativo, fortificando indagações sobre a relevância de conceitos básicos de gestão, como empoderamento, equipes de trabalho de alto desempenho e liderança transformacional para aquela realidade. Ainda segundo esses autores, em ambientes como o latino-

americano, caracterizados por corrupção, suborno e violência, pouco se sabe sobre a realidade da gestão estratégica e organizacional. Daí se considera segundo Nicholls-Nixon et al. (2011) que Teorias de gestão estratégica e liderança estratégica podem ser aprimoradas a partir da perspectiva das empresas domésticas que operam nesses ambientes.

Dentre as proposições de Nicholls-Nixon et al. (2011), é preciso destacar que segundo esses autores são necessárias mais pesquisas para se compreender a natureza e as fontes de heterogeneidade na América Latina. Algo que pode ser alcançado por meio do exame das diferenças entre os países ao longo de dimensões contextuais históricas, econômicas, e sociais, já que há implicações dessas diferenças nas regras informais e nas regras formais que moldam as interações internacionais. Indicam ainda a necessidade de se compreender como a variação ao longo de diferentes atributos contextuais e institucionais dos países latino-americanos influencia sua capacidade de atividade empreendedora orientada para o crescimento

Claramente é possível constatar a necessidade de pesquisas em administração a partir do contexto latino, pois mesmo se identificando que há um pomposo número de publicações sobre administração, recursos humanos, marketing, empreendedorismo, finanças, estrutura e gestão organizacional, ainda se tem um campo acadêmico substancialmente anacrônico, endossado por pseudos-achados quantitativos, com conceitos de teorias extemporâneas, e insuficiente enquanto explicação dos fenômenos e fatos próprios dessa América, já que são as fontes e as referências exógenas, eurocêntricas e norte-americanas que orientam essas pesquisas.

Todavia, mesmo constatando diversas potencialidades de teorização, para além das aqui apresentadas e indicadas, a realidade de produção da subalternidade (epistêmica) do que se produz ao sul global, não pode ser superada de forma milagrosa. Já que essa posição secundarizada é até incentivada, de modo consciente e inconsciente, tanto pela dificuldade de protagonismo de pesquisadores, quanto pelas suas dificuldades de expansão, validação e contribuições teóricas. Essa postura colonial, condição que já deveria ter sido superada em décadas passadas frente aos diversos debates teórico-prático inseridos no campo social, político e acadêmico, ainda persiste, representada de forma nítida pela mera reprodução conceitual (incentivada academicamente), como pela pequenez da simplória adequação da realidade organizacional e de negócios as velhas teorias fordistas, tayloristas, fayolistas, dentre outras. Para autores como Souza (2003), e Rosa e

Alcadipani (2013) a sociedade brasileira vive um tipo de “modernização seletiva”, uma modernização superficial na qual os problemas sociais herdados do colonialismo ainda estão presentes. Para Rosa e Alcadipani (2013) compreender as barreiras ao esforço de resgatar a tradição latino-americana, ajudaria a ampliar a base teórica e, principalmente, a pensar as organizações latino-americanas a partir do seu próprio contexto histórico e social. Dentre essas barreiras está a categorização binária que hierarquizar o conhecimento produzido dentro e fora do Brasil, que cria fronteiras imaginárias entre esses dois contextos, quando, na verdade, o desenvolvimento de ambos depende de uma abordagem que explore as fissuras do discurso colonial e se configure a partir de um terceiro espaço de produção do conhecimento.

Além dos elementos epistemológicos, a região ainda enfrenta o descrédito da intersubjetividade (Prodanov & Freitas, 2013) internacional que dificulta a publicação e divulgação, desmotiva a pesquisa e incentiva a reprodução. Somam-se a isso as questões de cunho técnico e estrutural, pois países como o Brasil oferecem pouca perspectiva de ascensão acadêmica, indispõe de estrutura de pesquisa de ponta, conta com um modelo educacional tradicional e arcaico que ainda tem na memorização uma de suas metodologias mais usuais. Barreiras como o baixo financiamento de pesquisa, o baixo nível de qualificação formal e a atual proposta de valorização da formação técnica de nível intermediário para suprir demandas de mão de obra de baixo custo em detrimento da ampliação do acesso ao ambiente acadêmico, acabam não só expondo as agruras da teorização e da pesquisa, mas também agravando um problema que não é meramente educacional ou acadêmico, mas que é também um problema de estratégia e soberania nacional.

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A AUSÊNCIA DE PESQUISAS E TEORIAS LATINAS EM GESTÃO NOS “MAINSTREAM JOURNALS”: FALTA DE ESPAÇO E/OU DIFICULDADE DE POSICIONAMENTO DAS PESQUISAS?

As pesquisas acadêmicas do chamado “Sul Global”, que engloba os países em desenvolvimento e pobres em geral, raramente aparecem no radar dos mais prestigiosos periódicos acadêmicos do campo, o “núcleo” institucionalizado da ciência gerencial e organizacional (Alcadipani et al. 2012).

Orbitando essa problemática, diversos autores tem discutido o predomínio do *mainstream* anglo-saxão nos

conselhos editoriais e avaliadores dos periódicos internacionais de maior prestígio e pontuação, apontando as consequentes dificuldades para publicar internacionalmente, e não necessariamente devido a problemas de qualidade do material apresentado, mas, muitas vezes, por preconceito ou pelo fato dos pesquisadores do Sul Global não serem bem situados e implicitamente avaliados pelos referidos journals (Bertero et al. 2013).

Pesquisas como a de Chavarro, Tang e Ràfols (2017) apontam que um dos fatores que levam os pesquisadores a publicarem predominantemente em periódicos nacionais seria porque estes permitem a publicação de pesquisas que não são bem cobertas ou até negligenciadas pelos periódicos situados no *mainstream*. Segundo os autores, em temas como gestão e negócios a dependência do contexto limita o escopo das generalizações, de forma que as configurações nacionais e regionais são determinantes, contudo, este tipo de pesquisa, na perspectiva dos pesquisadores entrevistados, não seria de interesse dos periódicos convencionais.

A origem dessa negligência ou desprestígio das pesquisas do sul global tem sido abordada de forma crescente no âmbito da literatura sobre os efeitos do colonialismo e do pós-colonialismo nos estudos organizacionais. Referidos estudos destacam que o crescimento da visão de que os países desenvolvidos ocidentais seriam o modelo de desenvolvimento a ser seguido, em especial após a Segunda Guerra Mundial, permitiram a disseminação mundial de uma forte ideologia que coloca essas nações em uma posição de superioridade, inclusive com a autoridade intelectual para guiar os demais países para o desenvolvimento. Ganha espaço, então, nos países do chamado Terceiro Mundo, o estrangeirismo, como uma tendência de se valorizar o que vem de fora e dos países desenvolvidos, inclusive na educação e na produção de conhecimento científico, cuja indústria envolve interesses econômicos e um mercado global e multimilionário de consultorias, editoras, periódicos e faculdades. Como consequência, o estilo de gestão ocidental, em especial o norte-americano, se expande e se naturaliza dentro do discurso e das práticas globais como a forma correta de gerir e pensar sobre gestão, fazendo com que o conhecimento organizacional e gerencial, ao invés de internacional e universalista, tenha se mostrado unidimensional e com uma forte tendência para o etnocentrismo hegemônico anglo-saxão, negligenciando as ideias do Sul ante o pensamento dominante (Alcadipani, 2010; Alcadipani et al. 2012; Alcadipani & Rosa, 2011; Ibarra-Colado, 2006; Kipping

et al. 2008; Westwood & Jack, 2008).

Estudiosos do Sul acabam, então, muitas vezes se limitando a evocar essencialismos, se preocupando em testar as teorias originadas em países desenvolvidos no âmbito dos diferentes ambientes nacionais, regionais ou locais, ou explicar o atraso econômico dos países pobres, em grande medida, em decorrência de suas práticas administrativas disfuncionais em relação às práticas modernas e eficientes do Norte (Alcadiyani et al. 2012).

Na mesma linha de pensamento, Bertero et al. (2013), ao discutirem os desafios da produção de conhecimento em Administração no Brasil, apontam que a imensa maioria dos nossos estudos, principalmente em áreas como estudos organizacionais, é constituída por ensaios teóricos, focada em autores europeus e em outras áreas, como estratégia e operações, e tratam na maioria das vezes da aplicação de modelos gerados em outro contexto econômico de forma simples e simplória. Segundo os autores, parece que uma grande parcela dos estudiosos evita ir a campo para, de fato, ir ao encontro, conhecer e estudar da realidade local.

Essa realidade, intrinsecamente relacionada às nossas heranças ideológicas remanescentes do processo de colonização, acaba sendo potencializada e até, de certa forma, perpetuada, pelos sistemas de avaliação e pela lógica do produtivismo, os quais levam a uma corrida desenfreada por publicações para cumprimento de quesitos de pontuação acadêmica, muitas vezes por meio da prática exacerbada de coautorias em múltiplas áreas de conhecimento, com baixo nível de especialização dos autores no assunto, e detrimento de preocupações com a qualidade, originalidade ou relevância.

Desta forma, além das questões relacionadas ao preconceito e à redução dos espaços decorrentes do colonialismo e pós-colonialismo, há de se considerar outro fator de igual importância ao debate, porém menos discutido na literatura, que diz respeito a uma possível falha na estratégia de posicionamento das nossas pesquisas no âmbito internacional. A própria existência de trabalhos em gestão produzidos por acadêmicos latino-americanos e do restante do Sul Global publicados em diversas revistas internacionais de impacto, com temáticas regionais e nacionais, corroboram com essa possibilidade.

Como bem ressaltado por Bertero et al. (2013), a audiência internacional é ampla e diversificada, havendo espaço para publicações em periódicos das mais diversas matizes, de revistas pertencentes ao *mainstream*, a *journals* com linhas editoriais mais heterodoxas, contudo, ao seguirmos a tendência de reproduzir sem refletir teorias produzidas em contextos que muito pouco se assemelham

ao nosso, ou mesmo que se aplicam em parte à nossa realidade, mas sem produzirmos pesquisas cujo formato seja palatável ao público internacional, reduzimos a atratividade das nossas pesquisas no cenário internacional, prejudicando ainda mais a nossa entrada.

Faz-se necessário, portanto, identificar o público específico com quem se deseja dialogar e direcionar esforços no sentido de propor configurações de pesquisas relevantes ao debate seja por meio de abordagens mais plurais e críticas ao pensamento dominante, ou por meio de estudos que aprofundem o olhar na realidade e expressem em sua complexidade a gestão e as organizações da América Latina (Alcadiyani et al. 2012; Bertero et al. 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características contextuais endêmicas que moldaram o desenvolvimento latino-americano e das demais nações do chamado Sul Global, marcadas por realidades econômicas, sociais e ambientais próprias, bem como pela vasta e rica cultura, colocam referidas economias no posto de laboratório para teorização e escrita de conhecimento novo no campo da gestão.

A partir do momento que nos conscientizamos que entender contextos como estes é contributivo, pois eles exercem influência sobre as “regras do jogo” e a maneira como os negócios funcionam, percebe-se que há múltiplas potencialidades de pesquisa e teorização em administração na América Latina. A título de exemplo, pouco se sabe sobre a realidade da gestão estratégica e organizacional em ambientes como o latino-americano, caracterizados por corrupção, suborno e violência, de forma que as teorias podem ser aprimoradas a partir da perspectiva das empresas domésticas que operam em ambientes desta natureza.

Autores como Nicholls-Nixon et al. (2011), evidenciam de forma robusta que ainda há carência de pesquisas que permitam a compreensão da natureza e das fontes de heterogeneidade na América Latina. Algo que pode ser alcançado por meio do exame das diferenças entre os países ao longo de dimensões contextuais históricas, econômicas, e sociais, já que há implicações dessas diferenças nas regras informais e nas regras formais que moldam as interações internacionais.

Nessa perspectiva, constata-se a necessidade de pesquisas em administração a partir do contexto latino, pois mesmo se identificando que há um pomposo número de publicações sobre administração, recursos humanos, marketing, empreendedorismo, finanças, estrutura e

gestão organizacional, ainda se tem um campo acadêmico substancialmente insuficiente enquanto explicação dos fenômenos e fatos próprios dessa América. Contudo, heranças do nosso traumático processo de colonização, como o estrangeirismo e a ideologia da superioridade do modelo de desenvolvimento ocidental, balanceado pela reprodução da lógica produtivista, tornam esse quadro mais complexo de ser revertido.

Demais disso, fatores como o predomínio anglo-saxão nos conselhos editoriais e avaliadores dos periódicos internacionais de maior prestígio são frequentemente apontados pelos autores do sul global como entraves às publicações internacionais, muitas vezes por preconceito ou desprestígio às teorias e configurações regionais exógenas ao *mainstream*, levando a uma tendência de produção unidimensional e com uma forte tendência para o etnocentrismo hegemônico anglo-saxão do conhecimento organizacional.

Todavia, para além das questões relacionadas ao preconceito e à redução dos espaços decorrentes do colonialismo e pós-colonialismo, mostra-se de grande importância uma discussão mais aprofundada acerca de uma possível falha na estratégia de posicionamento das nossas pesquisas no âmbito internacional, a qual tem se preocupado demasiadamente em testar e aplicar, de forma simples e simplória, as teorias e modelos gerados em outro

contexto econômico que pouco se assemelham ao nosso, sem de fato ir a campo para conhecer e estudar da realidade local.

Nessa linha, como bem apontado por Bertero et al. 2013, uma estratégia que emergiria seria, então, identificarmos melhor o público específico com quem desejamos dialogar, para, a partir daí, posicionarmos melhor nossas pesquisas, com abordagens mais plurais, críticas, e que aprofundem o olhar sobre a complexa realidade da América Latina.

De toda forma, entendemos que o aprofundamento do debate acerca das potencialidades e dos fatores que motivam a escassez de pesquisas originais e de alcance internacionais são imprescindíveis para a diversificação e para empoderamento do olhar heterodoxo sobre a produção acadêmica em gestão não só da América Latina, mas de todos os países do Sul Global.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Bolsa de Doutorado em Administração de Empresas pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) sem o qual não teria sido possível a produção desse texto.

REFERÊNCIAS

AGUINIS, H, et al. Conducting management research in Latin America: why and what's in it for you?. **Journal of Management**, 2020, 46.5: 615-636.

ALCADIPANI, R; BRESLER, R. A McDonalidização do Ensino. **Carta Capital**. São Paulo: Ed. 133, 1999.

ALCADIPANI, R. From Latin America to the world: notes on the (possible) Latin American management styles. **International management and international relations: A critical perspective from Latin America**, 2010, 1: 136-158.

ALCADIPANI, R; ROSA, A. R. From global management to glocal management: Latin American perspectives as a counter-dominant management epistemology. **Canadian Journal of Administrative Sciences**, 2011, 28.4: 453-466.

ALCADIPANI, R. et al. Southern voices in management

and organization knowledge. **Organization**, 2012, 19.2: 131-143.

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos EBAPE. BR**, 2011, 9: 1174-1178.

BERTERO, C. O. et al. Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. **Cadernos EBAPE. BR**, 2013, 11: 181-196.

BRUTON, G. D.; AHLSTROM, D.; PUKY, T. Institutional differences and the development of entrepreneurial ventures: A comparison of the venture capital industries in Latin America and Asia. **Journal of International Business Studies**, 2009, 40.5: 762-778.

CHAVARRO, D.; TANG, P.; RÀFOLS, I. Why researchers publish in non-mainstream journals: Training,

knowledge bridging, and gap filling. **Research policy**, 2017, 46.9: 1666-1680.

COATSWORTH, J. H. Inequality, institutions and economic growth in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, 2008, 40.3: 545-569.

FELIX, E. M.; MARQUESAN, F. F. S. Políticas públicas de combate à seca no semiárido e suas implicações para o antropoceno. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, 2020, 10.2.

FELIX, E. M.; MARQUESAN, F. F. S. A estrutura do campo social e as disputas de poder pelos agentes do setor de sementes em um município do semiárido nordestino brasileiro. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, 2021, 11.3.

FELIX, E. M. et al. Política de responsabilidade socioambiental bancária e microcrédito rural no nordeste brasileiro. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC**, 2022, 5.2: 2595-0959.

HARRISON, L. E. Underdevelopment is a State of Mind: the Latin American Case. Lanham, Md. Center for International Affairs, **University Press of America**, 1985.

HARRISON, L. E. Who prospers: How cultural values shape economic and political success. **Basic Books**, 1992.

HARRISON, L. E.; EASTERLY, William. The Pan-American Dream: Do Latin America's Cultural Values Discourage True Partnership with the United States and Canada?. **Finance and Development**, 1997, 34.3: 54-54.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, 2006, 13.4: 463-488.

KAY, C. Teorías latinoamericanas del desarrollo. **Nueva sociedad**, 1991, 113: 101-113.

KIPPING, M.; ENGWALL, L.; ÜSDIKEN, B. Preface: The transfer of management knowledge to peripheral

countries. **International Studies of Management & Organization**, 2008, 38.4: 3-16.

MOURAD, A. I. Produção e reprodução acadêmica: o produtivismo e a lógica gerencialista na Pós-Graduação em Administração. **Revista Administração em Diálogo**, 2021, 23.2: 1-6.

NICHOLLS-NIXON, C. L., et al. Latin America management research: Review, synthesis, and extension. **Journal of Management**, 2011, 37.4: 1178-1227.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Ed. 2. Feevale, 2013.

RATLIFF, W. Latin America's fledgling, fumbling democracies. **Review of Policy Research**, 2006, 23.2: 295-310.

ROSA, A. R.; ALCADIPANI, R. A terceira margem do rio dos estudos críticos sobre administração e organizações no Brasil:(re) pensando a crítica a partir do pós-colonialismo. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, 2013, 14: 185-215.

SANTOS, G. M.; SANT'ANNA, S. P. Arte em tempos de pandemia: rotas para análises. **O Público e o Privado**, 2021, 19.38 jan/abr.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Editora UFMG, 2003.

WAHRLICH, B. M. S. Evolução das ciências administrativas na América Latina. **Revista de Administração Pública**, 1979, 13.1: 31 a 68-31 a 68.

WESTWOOD, R.; JACK, G. The US commercial-military-political complex and the emergence of international business and management studies. **Critical Perspectives on International Business**, 2008, 367-88.